

# Alumni

Revista Discente da UNIABEU

## **BEST-SELLER E LITERATURA: UMA ANÁLISE DA SAGA CREPÚSCULO**

**Lidiane dos Santos Souza Siqueira**  FFP/UERJ

### **Resumo:**

Este trabalho tem como objetivo pensar o que é considerado literatura e o próprio conceito moderno de literário, mostrando como os juízos de valor empregados pelos críticos literários eclipsam o próprio texto que analisam. Para tanto, discutiremos a posição da crítica quanto aos *best-sellers*, tomando como objeto de nossa pesquisa os livros da saga **Crepúsculo**, da romancista norte-americana Stephenie Meyer. Neste artigo, dialogaremos com as questões levantadas por Terry Eagleton, acerca da especificidade da obra literária.

**Palavras-chave:** *Best-sellers*. Literatura contemporânea. Saga **Crepúsculo**. Crítica literária.

### **Introdução**

Ao pensarmos o que vem a ser literatura, muitas vezes esbarramos com questionamentos teórico-filosóficos sobre o tema. A questão mais urgente nesta interrogação se concentra no que consideramos literatura. Ao pensarmos esse problema, procuramos investigar os aspectos que definem determinado texto e por que tal texto é considerado literatura, enquanto outros não são.

Este trabalho tem por objetivo pesquisar, a partir desse questionamento, o fenômeno da saga **Crepúsculo**, da escritora norte-americana Stephenie Meyer. Pretendemos, ainda, pensar por que os livros se encaixam na rubrica literatura, e ainda procuraremos compreender o que vem a ser *best-seller*. Nosso trabalho será pautado nos estudos de Terry Eagleton, Jonathan Culler, e nos textos sobre a obra Meyer, feito por Mariah Larson e Ann Steiner, na tentativa de responder inicialmente o que pode ou não ser considerado literatura.

### **O best-seller: literatura ou não?**

A crítica literária sempre discutiu a definição do que é literatura, seus limites e alcances. O ponto mais discutido das últimas décadas é o caráter literário dos *best-sellers*. Segundo Terry Eagleton (1997, p. 12), *“podemos pensar na literatura menos como uma qualidade inerente, ou como um conjunto de qualidades evidenciadas por certos tipos de escrita [...]ö, não se podendo dizer que isto ou aquilo seja literatura, uma vez que ñão existe uma -essênciaö da literaturaö. A partir dessas considerações, Eagleton ainda propõe que, ao oposto do consenso crítico sobre o que a literatura é, ela*

venha a ser compreendida como qualquer tipo de escrita que, por alguma razão, seja altamente valorizada (EAGLETON, 1997, p. 13).

Ainda pensando a discussão levantada na introdução do livro **Teoria da literatura: uma Introdução** por Eagleton (1997) entende-se que aquilo que é considerado literatura depende da linha teórica seguida pelos críticos literários e do contexto em que o texto é publicado. É o que chama de juízo de valor, pautado por questões ideológicas, de indivíduos, grupos ou classes, que ditarão o que deve ou não ser literatura. O crítico conclui sua introdução dizendo que, não é possível ver a literatura como categoria objetiva descritiva, também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de literatura (EAGLETON, 1997, p. 22), ou seja: literatura é também aquilo que queremos que seja literatura, mas aquilo que queremos que a literatura seja não determina objetivamente o que ela é.

A partir dessas considerações, entramos de fato no escopo desse trabalho, que pretende analisar a série de *best-sellers* de Stephenie Meyer, **Crepúsculo**, **Lua nova**, **Eclipse** e **Amanhecer**. As questões que iremos investigar neste trabalho são: (1) como entender o fenômeno *best-seller*?; (2) Pode o *best-seller* ser considerado literatura?; (3) Quais os aspectos literários que compõem a série analisada?; e (4) como a teoria da literatura contemporânea problematiza a questão do texto? A análise proposta empreende também pensar nas teorias de análise da literatura contemporânea e suas asserções em torno daquilo que se chama literatura de massa, ou *best-seller*.

Segundo Carlos Ceia, no **E-dicionário de Termos Literários** (2014), *best-seller* é termo inglês [...] para o livro que atingiu um elevado número de vendas, superando todos os outros do seu gênero e durante um determinado período de tempo. Ainda segundo Ceia (2014), o *best-seller* não é diretamente proporcional à qualidade desse livro, por isso o questionamento sobre considerar o *best-seller* literatura ou não.

Esse questionamento tem se estendido à saga **Crepúsculo**. Referimo-nos neste trabalho aos romances, não importando, neste momento, o diálogo com os filmes. Segundo a crítica em geral, desde críticos experientes a comentadores, pode-se ver nestas obras um lado positivo e outro negativo, ou seja: há críticos que elogiam a série, enquanto outros a criticam. Percebe-se que os embates são ferrenhos entre os lados.

No site do prestigioso jornal americano **The New York Times**, na seção Book Review, Liels Schillinger comenta sobre a série e diz:

Meyer's trilogy seethes with the archetypal tumult of star-crossed passions, in which the supernatural element serves as heady spice. As Bella and her vampire swain channel Romeo and Juliet, Heathcliff and Cathy, their audience falls under the spell of a love that is not only undying, but undead. Meyer writes with a PG-13 sensibility: in the earlier books, she skirted clinches that would put an unmarried girl afoul of the censors. (*The New York Times*, 2007).<sup>1</sup>

<sup>1</sup> A trilogia de Meyer ferve com o tumulto das paixões arquetípicas *star-crossed* (termo usado na literatura americana para exemplificar amores como o de Romeu e Julieta), em que o elemento sobrenatural serve como tempero inebriante. Com Bella e seu vampiro como representação de Romeu e Julieta, Heathcliff e Cathy, sua audiência cai sob o feitiço de um amor que não é apenas imortal, mas morto-vivo. Meyer escreve com um PG-13 (classificação etária usada nos EUA) de sensibilidade: nos livros anteriores, ela contornou os clichês que iriam colocar uma moça solteira em conflito com os censores (Nossa tradução). (Grifos nossos).

Alguns outros *sites* denotam que a autora deixou a desejar em vários pontos, mas que em outros foi extremamente hábil. Vejamos a crítica do site L. C. Cardona:

[...] Não creio que eu deva pôr a Stephenie Meyer no mesmo patamar da Anne Rice ou do Bram Stoker (realmente jamais próximo ao Bram) ó tais autores podem ser considerados geniais na área dos vampiros e afins ó todavia, localizo a Stephenie junto a J. K. Rowling, assim sendo, escritora dum clichê de bom entretenimento. [...]

Este romance água com açúcar é crescente e descompensado ó ora é histórico, ora um rio calmo, mas sempre numa linha progressiva [...]. Tem um plano de fundo incomum, também o clichê dum relacionamento bonito ó o primeiro amor.

Do nada, no terceiro terço do livro, surge o antagonista, com este parece surgir uma grande trama, mas não; ela é tão surpreendentemente efêmera quanto o antagonista que a monta.

[...] E para aqueles que estão acostumados aos velhos hábitos, esqueçam; nada de virar pó ao sol, agora eles ficam cravejados de diamantes e voltam ao normal quando estão na sombra. Cruzes, água benta e prata também não lhes traz perigo. Algo incomum ó porém já visto ó é a formação de clãs, que é um dos maiores que eu já vi. [...]

Então, aí vai um elogio: parabéns a Stephenie Meyer por conseguir tão bem reescrever de forma jovial ó o que se justifica pelo sucesso dentre as adolescentes ó e por alcançar status Best-seller [...]

Mais elogios devem dar a forma como se dá sequências as histórias dum livro ao outro. Embora o primeiro seja crônico e sem uma grande trama, no contexto geral, a trama se forma com uma considerável admiração. [...]

Palmas para uma textualização que permite ao leitor vislumbrar o livro que vem a seguir. Entretanto, por vezes, se torna previsível, o que me obriga a reduzir meu apreço pela obra (CARDONA, 2008).

A resposta a crítica desse site é de alguma forma surpreendente, pois é possível ver adolescente responder com alguma maturidade a crítica do autor, vejamos a resposta dada por ÕSamarão (nome informado no *post*):

[...] Não sou nenhuma *expert* em críticas em relação a livros, mas posso dizer meus motivos por ter gostado da história de Bella e Edward. Em tempos como ao que vivemos, em que frequentemente coisas horríveis se destaca na nossa realidade exemplo disso é só ver os noticiários, ver o quanto a violência está aumentando, ver gente passando fome, ver gente assassinadas. Até mesmo no próprio lar, vemos o quanto nossa sociedade é problemática, pais casados por comodidade, a falta de compreensão e comunicação entre filhos. Enfim, você sabe tão bem ou melhor quanto uma garota de 17 anos como eu, que o mundo não é uma maravilha. Ao ler os livros da Stephenie Meyer, você entra numa realidade totalmente diferente em que o tema principal é o amor verdadeiro, algo que não vemos todos os dias, E por ser uma leitura que prende, faz com que o leitor

mergulhe num mundo belo, permitindo sonhar com uma realidade menos triste e melhor. Talvez seja por isso que muitas garotas depois que ler o livro, se pega sonhando com um amor verdadeiro, se pega imaginando e se existir uma pessoa capaz de dar este tipo de amorí. E assim cria-se esperança. Esperança em que exista amor incondicional, exista famílias não perfeitas, mas que sempre estão unidas, esperança que o bem vença o mal, esperança em que a felicidade prevalece no final. Talvez você ache que tudo o que eu falei seja um pouco alienação. Já que não é através da fuga que iremos compreender as mazelas e mudar nossas vidas. É claro, que é preciso uma leitura crítica de textos que condizem com a nossa realidade. Mas somente vendo a realidade como ela é, creio que as pessoas acabam se conformando que não há vez para mudanças. É por isso que uma pausa, um intervalo para leituras como esse livro é necessário para que pessoas renovem realidades, sonhos e esperanças.

Alguns outros sites criticam com veemência, como o site lendo.org assinado pelo crítico André Gazola:

Escritos pela americana *Stephenie Meyer*, a popularidade dos livros da série para jovens e adultos composta por *Crepúsculo*, *Lua Nova*, *Eclipse*, *Amanhecer* e *Sol da meia-noite* atingiu números enormes. Com a adaptação para o cinema de *Crepúsculo* lançada em dezembro de 2008 no Brasil e uma venda de 1,3 milhões de livros no dia de lançamento de sua última edição, Meyer já não deve ter dúvidas de seu sucesso. De uma romancista de primeira viagem para o primeiro lugar dos mais vendidos, foi uma subida muito rápida.

Mas por quê? Para descobrir o motivo dos livros estarem inspirando legiões de fãs e dúzias de fan-sites, resolvi lê-los para conhecer o segredo de Meyer.

Para ser direto, querido leitor, eu fiquei horrorizado. Não apenas pela prosa doentia ou pela falta de escrita de qualidade, mas principalmente pelas obras serem insultantes em todos os níveis. Para uma mulher, para um adolescente, para um estudante de literatura, até para um graduado em Harry Potter. O pior de tudo é que pouca gente parece perceber isso. [...]

Eu me pergunto o que aconteceu para que, duzentos anos depois de uma heroína feminista como Elizabeth Bennet, tenhamos retrocedido a ponto de uma ôfêmea-heroína-literária, como a personagem de Meyer o é, fazer tanto sucesso.

A resposta a essa crítica vem do *site* oficial do livro no Brasil, da Editora Intrínseca, num fórum feito por fãs. Dentre as respostas dos leitores, destaco a de Isaswan (identificação do *post*):

Sabe, eu vivo vendo e ouvindo críticas à *Saga*, principalmente porque a maioria acha que é uma literatura voltada apenas para adolescentes, o que eu, como prova viva disso discordo. Pessoas dizendo que não passa de livros sem conteúdo, que não trazem nada de útil para a vida das pessoas. Sinceramente, não entendo como essas pessoas se dão ao trabalho de ler todos os livros para apenas no final

criticá-los. [...] Os livros da *Saga* não são uma *Bíblia*, criados para todos adaptarem em suas vidas e segui-los, tal qual descrição, até por que todos sabem que são personagens fictícios, personagens místicos e mágicos, frutos da imaginação [...].

Ao vermos esses embates, percebemos que a discussão sobre o que vem a ser literatura vai além do que podemos chamar de análise crítica, ao contrário, ela se dá no âmbito pessoal entre críticos e fãs da série. Observamos ainda, que alguns críticos não se atêm às questões literárias, mas colocam opiniões pessoais, o que a nosso ver desvaloriza sua crítica.

No âmbito acadêmico, a série é classificada como romance, baseando-se no conceito de que õvem a ser a forma narrativa que, embora sem nenhuma relação genética com a epopeia [...], a ela equivale nos tempos modernos. E, ao contrário da epopeia, como forma representativa do mundo burguês, volta-se para o homem como indivíduo (SOARES, 2006, p. 42).

A partir desse ponto, podemos perceber que a série de Stephenie Meyer é uma representação da vida burguesa contemporânea, na qual o clã de vampiros Cullen tenta se encaixar no estereótipo social de família, interagindo com a comunidade, que desconhece o verdadeiro aspecto desta família. Eles estudam, fazem compras, praticam esportes e exercem profissões, como o líder do clã, Carlisle Cullen. Segundo especialistas na obra de Meyer:

[...] the huge impact of the twilight phenomenon in terms of sales and consumers or fan activity, combined with the opportunity to delve into the development of vampire literature, the romance format and gendered aspects of the narratives, make Stephenie Meyer's written world well worth exploring (LARSON; STEINER, 2011, p. 9).<sup>2</sup>

Ainda segundo Mariah Larson e Ann Steiner (2011, p. 9), na introdução de seu livro **Interdisciplinary approaches to Twilight: studies in fiction, media and a contemporary cultural experience**, a série de Stephenie Meyer faz parte de um mundo em que a relação entre textos e leitores são dignos de análise e interpretação.

O romance em questão se diferencia do modelo de ficção científica que retrata o arquétipo do vampiro fétido, repugnante e sedento por sangue humano. A saga **Crepúsculo** nos apresenta criaturas que diferem em alguns aspectos dos demais vampiros da literatura. Stephenie Meyer cria nesta saga vampiros sensuais e belos, ágeis e com poderes especiais. Segundo Alyssa Mason, ao citar Joules Taylor:

Unlike the vampires from *The Vampire*, *Carmilla*, and *Dracula*, "The vampires in the *Twilight* series are so far removed from the traditional perception of the undead as to be a different species altogether. They exist solely on blood and have the speed and strength

<sup>2</sup> O enorme impacto do fenômeno **Crepúsculo** em termos de vendas, consumo ou atividade dos fãs, combinada com a oportunidade de aprofundar o desenvolvimento da literatura de vampiros, o formato de romance e aspectos de gênero das narrativas tornam o mundo da escrita de Stephenie Meyer algo que vale a pena explorar (Nossa tradução).

of the traditional vampire, only more so, but that's where the similarity ends (MASON, 2011, p. 28-9)<sup>3</sup>.

Os vampiros de **Crepúsculo** são mais humanos e buscam realizar ações boas para aliviar o fardo que lhes foi imposto pelo destino. É isso que os torna tão diferentes dos demais vampiros da literatura: eles podem conviver com os humanos.

Em nossa análise, percebemos que o romance é de leitura fácil, flui rapidamente, como é afirmado pelos críticos que não aprovam o texto. Porém, percebemos esse fato como estratégia da autora para capturar a atenção do leitor. O enredo se desenvolve ao redor do romance de Isabella Swan com o vampiro Edward Cullen. O que chama atenção nessa história é que a autora trabalha o texto de forma linear e constrói uma explosão de clímax, que é desenvolvido aos poucos durante cada livro. Outro aspecto interessante é que Meyer trabalha muito bem a continuidade entre os livros. Os personagens vão tomando forma durante a construção do romance e o tempo é fluido e determinado por dias, semanas e meses. A história é contada nos 3 primeiros livros pelo ponto de vista de Isabella Swan. Já no quarto livro, é dividido entre o olhar de Bella e o de Jacob.

Com uma história envolvente, a série **Crepúsculo** chamou a atenção do mundo para o que os jovens estão lendo. Percebemos então que os aspectos textuais desse romance é o grande atrativo para a juventude que devoram páginas e páginas da série em questão de dias. Por isso um questionamento tem sido feito: a série é ou não digna de ser considerada literatura? Antes de respondermos essa pergunta, buscamos entender os principais pontos do que denominamos literatura, discutiremos brevemente a questão do autor, do leitor e do mercado, além de observarmos a relação entre a academia e literatura.

Terry Eagleton define a noção de literatura como descrita imaginativa, no sentido de ficção ou escrita esta que não é literalmente verídica. Mas se refletirmos, ainda que brevemente, sobre aquilo que comumente se considera literatura, veremos que tal definição não procede (EAGLETON, 1997, p. 1). Ainda segundo Eagleton, "Alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta" (EAGLETON, 1997, p. 12). Assim, pensamos que se deve questionar o que definimos como literatura, pois sua definição parte dos aspectos inerentes ao texto, sendo julgado o autor; depois o texto, que de alguma maneira deve exibir o padrão aceito pelos que determinam o que vem a ser literatura, e quando este não se encaixa nos aspectos que são considerados como padrão, não pode ser visto como parte da literatura.

Ao pensarmos na questão do autor, lembramos que Walter Benjamin, em **O autor como produtor** (1987), assinala a questão da autonomia do autor e se ele tem ou não liberdade para escrever o que quer, pois a posição estabelecida pelos críticos literários era de que o autor precisava estar engajado em uma causa, ou seja, o texto devia voltar-se para as questões políticas. Benjamin (1987, p. 120) também afirma que o escritor burguês não se preocupa com posicionamento acima estabelecido uma vez que escreve para divertir o seu público. Entendemos aqui que o autor burguês não toma para

<sup>3</sup> Ao contrário dos vampiros de **The vampire, Carmilla, e Drácula**, os vampiros da série **Crepúsculo** são tão distantes da percepção tradicional dos mortos-vivos como podem ser de uma espécie diferente. Eles existem apenas no sangue e tem a velocidade e força do vampiro tradicional, mas é aí que a similaridade termina (Nossa tradução).

si o ato de pertencimento a algum grupo, ele rejeita as lutas políticas, mas busca apenas agradar seus leitores; assim o texto abriu espaço para algo além das lutas operárias e voltou-se para o prazer contemplativo, para uma literatura de consumo.

Ao partirmos da discussão sobre o autor levantada por Benjamin, encontramos o leitor como parte determinante daquilo que consideramos literatura. Segundo Roland Barthes, em **O rumor da língua**, (1988):

[...] um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino, mas esse destino não pode mais ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; ele é apenas esse *alguém* que mantêm reunidos em um único campo todos os traços de que é constituído o escrito (BARTHES, 1988, p. 70).

Assim, o leitor cria a significação do texto, a partir de seus próprios conhecimentos. A relação entre autor e leitor se dá no momento em que o autor escreve pensando no leitor. Segundo Umberto Eco, em **O pós-escrito a O nome da rosa** (1985), o autor ôquer se pretenda falar para um público que está ali, fora da porta, com o dinheiro na mão, quer se pretenda escrever para um leitor futuro, escrever é construir, através do texto, um modelo específico de leitor. Cria-se, assim, uma ação de dependência, porém, essa ação termina no momento em que a obra é acabada, o texto passa a se relacionar somente com o leitor.

Ao partirmos desse aspecto, encontramos então a questão de mercado. Gláucio Aranha, em **Literatura de massa e de mercado**, destaca o pensamento de Walter Benjamin: ãa obra de arte toma uma proporção coletiva não apenas por se dirigir a uma massa, mas também por ser custeada por esta, pela coletividade de consumidores (ARANHA, 2009, p. 122). Ele conclui que ãa comunidade de leitores-consumidores passa a desempenhar um importante papel de legitimação (ARANHA, 2009, p. 123). Assim, podemos entender que o leitor passa a designar o ato de escrita do autor, ou seja, o texto só é legitimado a partir do consumo por parte do leitor. Com Aranha, entendemos que o leitor contemporâneo é o legitimador daquilo que pode ou não se chamar de literatura.

Em contrapartida, percebemos que no âmbito acadêmico isso vai contra a ideia do que vem a ser literatura, pois ali reside a ideia de que literatura se encerra na prática de estudo, assim como está valorada como algo restrito ao meio intelectual. Aranha afirma que:

Enquanto a literatura de proposta tem, a priori, como agentes de legitimação a crítica e o âmbito acadêmico, a literatura de entretenimento tem no mercado o principal agente valorativo desta produção. Assim, estar entre ãos mais vendidosõ significa não apenas um resultado, mas uma agregação de valor e consolidação da qualidade de uma obra para a massa, legitimada pela própria massa

através do consumo. Vale lembrar que como se trata de uma produção cultural de larga escala, a necessidade principal é agradar ao público com o fim de alimentar a indústria (ARANHA, 2009, p. 127-8).

A literatura pode, então, ser vista como tal a partir daquilo que Eagleton chama de juízo de valor, ou seja: para ser considerada literatura é necessário que determinado texto se encaixe no padrão do que vem a ser valioso para os críticos (EAGLETON, 1997, p. 14). O autor ainda chama a nossa atenção para a questão de que pode variar o conceito do público sobre o tipo de escrita considerado como digno de valor (EAGLETON, 1997, p. 15).

Jonathan Culler, ao discutir o que é literatura, em seu livro **Teoria literária: uma introdução** (1999) afirma que o que diferencia as obras literárias dos outros textos de demonstração narrativa é que eles passaram por um processo de seleção: foram impressos, resenhados e reimpressos, para que os leitores se aproximem deles com a certeza de que outros os haviam considerados bem construídos e de valor (CULLER, 1999, p. 33). Observamos aqui que o juízo de valor irá designar o que vem a ser literatura, não importando se ela é acadêmica ou de massa, já que ambas passam pelo crivo de críticos especializados.

Ao entendermos as questões acima, voltamos à pergunta feita anteriormente sobre os *best-sellers* da Saga **Crepúsculo**: a série deve ou não de ser considerada literatura? Considerando o que discutimos anteriormente, podemos pensar que o texto de Meyer pode ser considerado literatura, uma vez que para chegar a ser publicada foi necessário que o texto original passasse por análise de críticos de literatura. Porém, não é somente a aprovação dos críticos que valida um texto como literatura. A qualidade literária é inerente ao texto, ou seja, está intrinsecamente ligado ao próprio texto, uma vez que por ele se (des)constrói as ideias.

Ainda percebemos que os juízos de valor estão ligados a ideologias sociais variadas, que impõem suas próprias maneiras de ver o texto. Concordamos com Eagleton quando afirma que eles se referem [...] não apenas ao gosto particular mas aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros (EAGLETON, 1997, p. 22). Assim, entendemos que é o fruto dos preconceitos pessoais que engendram as qualificações aos quais os textos são submetidos, ignorando o próprio texto.

## Conclusão

Ao discutirmos o aspecto literário dos *best-sellers*, tentamos entender também o que vem a ser literatura. Nossa discussão, ainda inicial, pensa nos pontos que engendram o fazer literário e como nossa percepção sobre a literatura é influenciada pelos juízos de valor atribuídos ao texto. Esperamos ter respondido aos questionamentos levantados e queremos continuar essa discussão quanto aos aspectos textuais da literatura contemporânea.

Nosso estudo nos levou a refletir o porquê de alguns textos serem recebidos pela crítica como literatura e outros não. A princípio, compreendemos que a intenção do autor, a recepção do leitor e o mercado fazem parte do eixo principal no qual está pautado o texto considerado *best-seller*. Assim, verificamos que fatores exteriores ao texto contribuem para sua qualificação e valorização no âmbito literário. O que vem a



ser literatura depende do que nós qualificamos como tal, baseado na leitura dos conceitos acima vistos, mas que não podem ser tomados como únicos aspectos de qualificativos.

### Referências bibliográficas

ARANHA, Gláucio. Literatura de massa e mercado. **Revista Contracampo**, n. 20, Niterói, RJ, UFF, agosto de 2009.

BARTHES, Roland. **O rumor da Língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. *In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp. 120 ó 136.

CARDONA, Lula. **Crepúsculo: crítica do livro**. L.C. Cardona. 09/12/2008. <http://lulacardona.wordpress.com/2008/12/09/crepusculo-critica-do-livro/>. Acesso em 04/07/14.

CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**. [http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&task=viewlink&link\\_id=142&Itemid=2](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=142&Itemid=2). Acesso em 04/07/14.

EAGLETON, Terry. Introdução: o que é literatura? *In: \_\_\_\_*. **Teoria da literatura: uma introdução**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ECO, Umberto. Construir o leitor. *In: O pós-escrito a O nome da rosa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GAZOLA, André. **Crepúsculo, Lua Nova, Eclipse E Amanhecer, De Stephenie Meyer**. Lendo.org. <http://www.lendo.org/crepusculo-lua-nova-eclipse-amanhecer-stephenie-meyer/> acesso em 04/07/14.

\_\_\_\_\_. **Crítica aos livros da saga crepúsculo**. Fórum de discussão oficial. <http://www.intrinseca.com.br/crepusculo/forum/viewtopic.php?id=1366>. Acesso em 04/07/14.

LARSSON, Mariah; STEINER, Ann. Introduction. *In: Interdisciplinary Approaches to Twilight : Studies in Fiction, Media and a Contemporary Cultural Experience*. Lund, Sweden: Nordic Academic Press, 2011.

MASON, Alyssa. **Sinking Our Teeth into the Vampire: The Portrayal of the Literary Vampire in Fiction**, 2011. <http://pt.scribd.com/doc/55182938/Sinking-Our-Teeth-into-the-Vampire-The-Portrayal-of-the-Literary-Vampire-in-Fiction>. Acesso em 04/07/14

MEYER, Stephenie. **Crepúsculo**. Tradução Ryta Vinagre. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

\_\_\_\_\_. **Lua nova**. Tradução Ryta Vinagre. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

\_\_\_\_\_. **Eclipse**. Tradução Ryta Vinagre. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

\_\_\_\_\_. **Amanhecer**. Tradução Ryta Vinagre. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.

SCHILLINGER, Liels. **Children's Books / Young Adult**. Sunday Book Review. The New York Times Jornal.

[http://www.nytimes.com/2007/08/12/books/review/Schillinger7-t.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2007/08/12/books/review/Schillinger7-t.html?_r=0). Acesso em 04/07/14.

### **BEST-SELLER AND LITERATURE: A TWILIGHT SAGA ANALYSIS**

#### **Abstract:**

This paper aims to reflect what is considered literature and the very modern concept of literary, showing how the judgments used by literary critics eclipse the text itself that analyze. Therefore, we will discuss the position of criticism as to the best-sellers, taking as object of our research the books of the Twilight saga, by the American novelist Stephenie Meyer. In this article, we will deal with the issues raised by Terry Eagleton, about the specificity of the literary work.

**Keywords:** Best-sellers. Contemporary literature. Twilight Saga. Literary criticism.

Recebido em 24/11/2014.

Aceito em 01/12/2014.